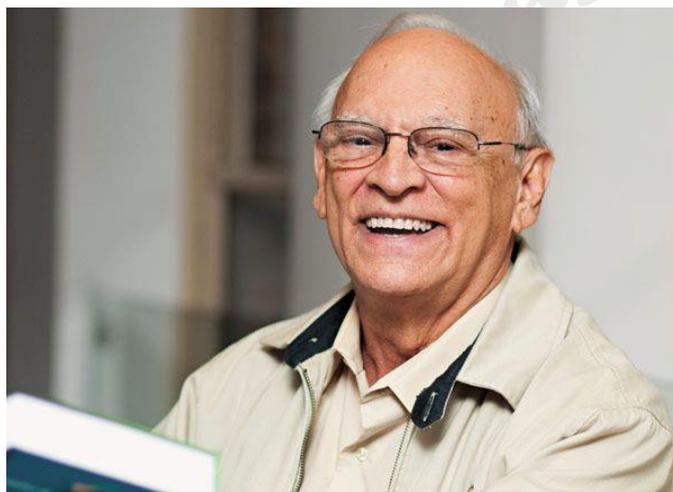


Prof. Ataliba T. de Castilho
Por Cristina Lopomo Defendi

Ataliba T. de Castilho
Professor Emérito da FFLCH/USP
Professor Colaborador da Unicamp
Assessor linguístico do Museu da Língua Portuguesa
Coordenador dos seguintes projetos coletivos de pesquisa: Projeto NURC/SP (1970-1988), Projeto de Gramática do Português Falado (1988-2011), Projeto para a História do Português Brasileiro, equipe de São Paulo, de 1995 a 2011, quando foi substituído a seu pedido.
Editor geral da obra coletiva História do Português Brasileiro, 5 volumes, em andamento.
Membro do corpo editorial das seguintes revistas: Alfa (Revista de Linguística da UNESP), Linguística (revista da Associação de Linguística e Filologia da América Latina), Revista do GEL, Cadernos de Estudos Linguísticos (Unicamp), Filologia e Linguística Portuguesa (USP).



Fonte: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/78/artigo255300-1.asp>

Professor Ataliba, ficamos muito agradecidos pela sua disponibilidade em participar de nossa revista. Primeiramente, gostaria que contasse um pouco sobre sua trajetória acadêmica e profissional e sobre seu papel na criação e consolidação de associações e grupos de estudos em linguística e língua.

Cursei os cursos fundamental e médio em São José do Rio Preto, no Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, que é uma escola pública. Aprovado no vestibular da USP para o curso de Letras Clássicas e Vernáculas, concluí minha graduação em 1959, graças a uma bolsa de estudos concedida pela Prefeitura Municipal de São José do Rio

Preto. Fiz Especialização em 1960, lecionei no segundo ciclo do curso fundamental em Suzano e São Miguel Paulista. Em 1962 fui convidado a lecionar na jovem Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, um instituto isolado de ensino superior, oficial, atuando na cadeira de Filologia e Língua Portuguesa, até 1975, quando me transferi para a Unicamp. Em 1967, doutorei-me em Linguística pela USP, sob a orientação do Prof. Dr. Theodoro Henrique Maurer Jr. Em 1976, essa faculdade foi incorporada à Unesp.

Tínhamos ali um grupo de professores muito atuantes. Depois da fundação da revista *Alfa*, atual revista de Linguística da Unesp, que dirigi de 1962 a 1974, nosso grupo decidiu realizar o I Seminário de Linguística de Marília, em 1966, ocasião em que eu e meus colegas propusemos a criação de uma associação regional de Linguística (o atual GEL, de que fui o primeiro presidente) e uma associação nacional (a atual ABRALIN), que presidi entre 1983 e 1985. Ambas as associações foram fundadas em 1969.

Em 1975 passei a trabalhar na Unicamp. Entre 1969 e 1988, atuei como coordenador da equipe paulista do Projeto de descrição do português falado culto (Projeto NURC), criado por iniciativa do Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas (PILEI). Como esse projeto não deu muito certo no que diz respeito à descrição gramatical, pois se orientou com sucesso aqui no Brasil para uma área então desconhecida, a Análise da Conversação e a Linguística do Texto, lancei, em 1988, o Projeto de Gramática do Português Falado, que contou com a participação de 32 experimentados linguistas brasileiros, oriundos de 12 universidades. Com base nos materiais levantados pelo Projeto NURC, esse grupo produziu 8 volumes de ensaios, agora consolidados em 7 volumes da gramática propriamente dita. Os 8 volumes de ensaios + 3 volumes da fase de consolidação foram publicados pela Editora da Unicamp. A Editora Contexto vem publicando a segunda edição, em 7 volumes. Esse projeto fez do português brasileiro a primeira língua românica a ter sua variedade falada culta integralmente descrita, indo da Fonologia para a Linguística do Texto.

Em 1992 aposentei-me na Unicamp, prestando concurso de ingresso na USP, em que me aposentei compulsoriamente em 2007. Na USP, tive a ideia de estudarmos como

se constituiu historicamente o Português Brasileiro. Lancei então o Projeto para a História do Português Brasileiro, que reúne agora cerca de 200 pesquisadores, filiados a 14 grupos regionais. O grupo realizou nove seminários nacionais, cujos resultados saem na série *Para a História do Português Brasileiro*, 9 volumes. Está em preparo a consolidação dos resultados, uma série também de 7 volumes, que começará a ser publicada a partir do ano que vem.

2) Qual foi o seu papel na criação do Museu da Língua Portuguesa? O Senhor acompanhou a repercussão que ele alcançou ao longo dos anos?

O projeto do Museu já estava pronto quando a Fundação Roberto Marinho, responsável por sua concepção e construção, convidou-me a trabalhar na formulação de um roteiro para a parte portuguesa da Linha do Tempo, a desenhar a página do museu, e a ajudar em outros aspectos desse extraordinário empreendimento. Não é nada trivial tratar museologicamente uma língua, que é um objeto imaterial. Depois de inaugurado, tenho atuado como assessor linguístico do Museu, que tem à sua frente Antonio Carlos de Moraes Sartini, um extraordinário e experimentado agente cultural.

A maior repercussão do Museu foi, naturalmente, aqui no Brasil mesmo, pois seus visitantes chegam a meio milhão por ano. Um grupo de educadores presta assistência aos alunos que visitam o Museu. Neste ano, deu-se início à modernização de alguns de seus setores. No plano internacional, vários países têm-se inspirado no MLP para organizar instituições semelhantes. Os catalães programaram construir em Barcelona o “Língua Mon”, ou seja, as línguas do mundo. O Estado de Israel encarregou a psicolinguista Tzia Walden de organizar o Museu do Hebraico, que será construído na primeira cidade israelense a ter construído uma escola.

O MLP é um lugar de encontro com nossa identidade linguística, e isso explica seu enorme sucesso.

3) Com todos esses anos de experiência profissional e acadêmica, como o Senhor delinear a formação IDEAL de um futuro professor de português?

Além da liderança natural que se espera de qualquer professor, um bom professor de Português: (1) Precisa ser muito estudioso, para inspirar seus alunos. (2) Ele deve acompanhar os achados que se fazem sobre o Português Brasileiro. (3) Como ele

trabalha com alunos que já falam a língua, seu papel maior está em canalizar o interesse de seus alunos para refletir sobre a língua que falamos. Sobre isso, escrevi o livro *Língua falada e ensino do português*. (4) Trabalhar com os alunos na produção de textos deve ser alvo do empenho dos bons professores. (5) Ele deve passar aos alunos o padrão culto do Português Brasileiro, sem fazer disto seu objetivo único em sala de aula.

4) O ensino de gramática já passou por diversas fases, desde a total relevância até mesmo um quase abandono. Como a gramática deveria ser vista hoje tanto na formação de um licenciando em Letras quanto na sala de aula de um ensino fundamental II, por exemplo?

Restituir a gramática ao seu papel real é um bom começo. A gramática não teve a centralidade que hoje lhe damos. Ela nasceu na Retórica greco-latina, quando se chamava a atenção das pessoas para os percursos da argumentação, naqueles tempos de democracia direta. Para atingir esse objetivo, os rétores passaram a discutir propriedades das línguas, e assim a gramática foi se autonomizando. Hoje, o trabalho com a gramática deve originar-se da reflexão inspirada por recortes de língua, num *continuum* que vai da língua falada para a língua escrita, principiando pela organização do texto para depois chegar à organização da sentença, indo daqui para a estruturação da palavra, até chegar à observação sobre a sílaba e os fonemas de nossa língua.

5) O Senhor foi um dos precursores do estudo da língua portuguesa falada. Como se sente fazendo parte de projetos que tiveram tanta repercussão na academia e até mesmo no ensino?

É claro que tenho grande alegria, embora tenhamos feito uma descoberta óbvia: o cidadão primeiro fala, depois escreve. Refletir sobre as propriedades da língua falada abre um caminho extraordinário para entender como é seu funcionamento, também na modalidade escrita. Das modificações no modo de fazer Linguística até o modo como se deve ensinar uma língua no ambiente escolar, passando pela teorização, a língua falada abriu nossos olhos para uma realidade até então insuspeitada.

6) Quais os desafios que enfrentou para a criação de sua Gramática do Português Brasileiro? E quais as gratificações conquistadas com essa obra?

Eu não criei a gramática do português brasileiro, ela já estava à disposição de quem quisesse refletir sobre ela. A maior gratificação que tive lidando com isso foi ter podido conviver com excelentes linguistas brasileiros (e também com vários do exterior), empenhados aqueles em descrever nossa identidade linguística, e empenhados estes em desenvolver generalizações sobre as línguas naturais.

7) Como foi o desafio de transformar a Nova Gramática do Português Brasileiro em uma gramática mais “prática”, que serve para consulta de professores e alunos e que traz, inclusive, propostas de atividades?

Minha ideia foi reunir nessa gramática mais de 50 anos de magistério e de convivência com gente muito qualificada. Mas a ideia central foi libertar seus leitores da obediência ao que dizem os gramáticos, transformando-se eles em cidadãos autônomos, capazes de desenvolver reflexões linguísticas por si mesmos. Por outras palavras, foi meu objetivo levar os leitores a dispensar intermediários nessa tarefa, pensando com a própria cabeça. É evidente que isso requer treinamento, e por isso minha gramática é também um livro de introdução ao pensamento linguístico.

8) O Senhor já passou pelas grandes universidades públicas paulistas, participa ativamente de associações e grupos de pesquisa, já publicou inúmeras obras. O que imagina ainda realizar academicamente?

Se der tempo (tenho 78 anos de idade), quero aprofundar a reflexão teórica sobre as línguas naturais. Temos uma boa quantia de análises descritivas e históricas sobre o português e as línguas indígenas ainda faladas no Brasil. Está na hora de procurar generalizações com base nessa empiria toda. Foi assim que a Linguística se desenvolveu nos meios mais avançados. Ainda não chegamos a esse ponto, e está mais do que na hora de ir por aqui.

Em fevereiro de 2015.